

# **Devolver esperança a um mundo que a perdeu**

Mons. Mariano Fazio proferiu uma conferência no final de outubro sobre a evangelização em diálogo com a modernidade, na apresentação do ano pastoral da diocese de Getafe, em Madrid.

**19/11/2023**

Mons. Mariano Fazio, vigário auxiliar do Opus Dei, foi convidado a dar uma conferência na

apresentação do plano pastoral 2023-2025 da diocese de Getafe, no Santuário do Cerro de los Ángeles. D. Ginés García Beltrán, bispo desta diocese, deu-lhe as boas-vindas, apresentando-o aos assistentes, aos fiéis e aos responsáveis de algumas zonas pastorais de Getafe.

Este plano pastoral tem como referência o Jubileu do Ano Santo de 2025, que se celebrará em Roma e cujo lema é “Peregrinos da Esperança”. Precisamente, foi este o fio condutor da conferência de D. Mariano Fazio: levar a esperança a um mundo que por vezes parece tê-la perdido. O vigário auxiliar do Opus Dei inspirou-se nas ideias contidas em textos como a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ou a *Gaudium et Spes* que reflete alguns dos contributos mais importantes do Concílio Vaticano II.

Destacou quatro grandes doenças do mundo atual, dando uma visão geral do contexto e dos desafios em que temos de evangelizar: individualismo, hedonismo, ditadura do relativismo – de que Bento XVI falou muito, citando-o em várias ocasiões – e emergência social, de que o Papa Francisco também falou, referindo-se a ela como a “cultura do descarte”.

Em primeiro lugar, falou do individualismo como algo que nos fecha em nós mesmos e estreita os horizontes do apostolado: “Deus tem um sonho para cada um de nós, que às vezes não coincide com as nossas categorias individualistas. Por isso, temos o desafio de superar o individualismo, sempre a partir de uma antropologia cristã, que é evangélica. Se queremos ganhar a vida, temos de a dar aos outros”, afirmou.

Relativamente ao hedonismo, a segunda doença, deu como exemplo a procura desenfreada do prazer que se verifica em muitas pessoas e que, em vez de as libertar, as escraviza.

Mons. Mariano Fazio recordou o drama das dependências em todas as suas formas, que tiram a liberdade e a felicidade à pessoa, e que muitas vezes nascem do próprio hedonismo. Recordou a importância de acompanhar todas as pessoas, incluindo os sacerdotes, para curar as feridas causadas pelas dependências, um drama do nosso tempo, infelizmente muito comum.

## **Quatro remédios possíveis para estas doenças**

No entanto, não quis ser pessimista e, com os pés assentes na terra, expôs o que considerava serem quatro possíveis remédios para estas doenças. Explicou que os cristãos não vivem longe do mundo e dos seus

problemas e, por isso, estes problemas interpelam-nos diretamente. Perante esta situação do mundo em que vivemos, alertou para a possibilidade de cairmos em dois extremos: “Um, que é condenatório e iracundo, que se fecha e rejeita toda a modernidade e não está muito aberto ao diálogo com os problemas do mundo e, em contraste, outro extremo que acha tudo fantástico, se mistura com o mundo e perde esse sal e a luz do mundo de que o Senhor fala”.

Para isso, temos de nos levantar e ir ao encontro das pessoas, afirmou, e não esperar que elas venham. É por isso que é importante o zelo apostólico, a vontade de evangelizar, o tema das catequeses do Papa Francisco, nos últimos meses.

Para evangelizar, a primeira coisa é apaixonar-se por Jesus Cristo, acrescentou, citando duas frases da

Sagrada Escritura: «Sem mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5) e «Tudo posso naquele que me conforta» (Fil 4, 13). “A primeira coisa na vida espiritual é viver na graça de Deus, frequentar os sacramentos, ter uma relação pessoal com Cristo na oração. Deste modo, transmitiremos o nosso amor.

Transmite-se o que se ama. Se tivermos o Senhor no nosso coração, sair-nos-á com naturalidade”, afirmou.

Também falou da importância da coerência na vida de um cristão. “O maior anti-testemunho é a incoerência de vida. Pregar uma coisa e fazer o contrário”. Para isso, apelou ao que S. Josemaria chama unidade de vida: “Não podemos ser esquizofrénicos, vivendo a vida cristã por um lado e a vida pessoal, social ou familiar por outro”, e por isso devemos preocupar-nos com os problemas da sociedade e dos nossos concidadãos, ao mesmo tempo que

vivemos a nossa vida de relação com Deus.

Em terceiro lugar, recomendou viver bem as Bem-aventuranças que “ajudam a curar as quatro grandes doenças de que falámos. Dar-se desinteressadamente aos outros, seguindo o exemplo do Senhor”.

Referiu também o desprendimento, a austeridade, a pobreza e a castidade como cura para o hedonismo e a insensibilidade perante tantos pobres que nos rodeiam. Por fim, recordou a necessidade de uma boa formação “para discernir a verdade, para saber o que é essencial e o que é acessório, o que é dogma de fé e o que não é”.

No final, foi aberta uma sessão de perguntas e respostas, onde todos puderam colocar as questões que desejavam, desde o papel dos leigos na Igreja, os problemas que afetam os jovens, qual o contributo do Opus

Dei para o diálogo com a modernidade ou o secularismo positivo e negativo.

---

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/devolver-esperanca-a-um-mundo-que-a-perdeu/> (29/01/2026)